O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 36.º — Sábado, 4 de Setembro de 1943 — N.º 1800

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração: Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL, R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário: Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador: Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto Agência Havas

Vilegiatura em Sever

Pelo dr. Alberto Souto

No próximo número

Portugal, entroncamento de bons caminhos

Portugal metropolitano e ultramarino continua neste amanhecer sombrio do 4.º ano de guerra, na esforçada cruzada de bem fazer.

Fiel à letra dos capitulares da História lusíada, a nação portuguesa — Portugal de Salazar — mantém, sem atitudes dúbias, as directrizes dos enunciados, que seus maiores puzeram em eqüação, desenvolveram e praticaram — para mais larguesa dos mundos!

Daí, a Casa Lusitana ser, neste mar levantado de ódios, ridente pousada dos prisoneiros de guerra, ofertando-lhes dias de repouso aos nervos cansados e entroncamento de melhores caminhos... os caminhos que os levarão à pátria distante, às famílias ansiosas!

Isto tem acontecido vezes sem conta. E, ùltimamente, uma vez ainda.

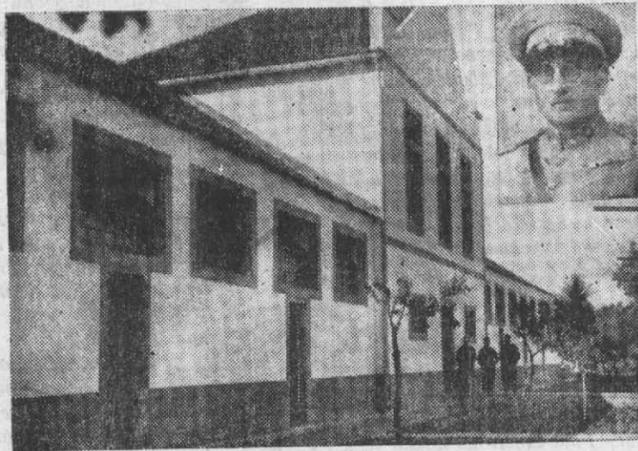
Em Lisboa, vinte prisioneiros ingleses foram trocados por igual número de italianos. Em Mormugão, pertença do nosso Império indiano, cidadãos norte-americanos e súbditos japoneses puderam regressar ao lar.

São episódios de ordem sentimental e afectiva que não passam em silêncio; bem pelo contrário. Assim o prova o testemunho agradecido dos govêrnos beligerantes ao nosso Govêrno, sempre que ocorrem tais exemplos.

...e o que sucede com a troca de prisioneiros, acontece, também, com os náufragos, perdidos na imensidade dos oceanos e salvos da morte pelos marinheiros de Portugal!

S. P.

UMA GRANDE OBRA SOCIAL

Já funciona o Albergue da Mendicidade de Aveiro com proveito para os indigentes e para a terra que o possue

A FACHADA DO ALBERGUE, VENDO SE Á DIREITA, NO RECTANGULO, O SR. CAPITÃO FIRMINO DA SILVA

A três quilómetros desta cidade, pouco mais ou menos, na estrada que conduz ao lugar de S. Bernardo, existia num terreno arável, com uma área de 800 metros quadrados, onde se erguia o antigo edifício duma fábrica de sabão, há muito paralizada.

Germinava no cérebro do sr. capitão Firmino da Silva, actual comandante da Polícia, a ideia de acabar com a mendicidade nas ruas, mas para isso tinha de haver onde pudessem ser recolhidos os indigentes, garantindo-se-lhes também a alimentação. E o brioso oficial não hesitou: lançou-se à tarefa de solicitar, de pedir, de mendigar tudo quanto fôsse preciso para levar a cabo os seus projectos.

Este jornal acompanhou de perto os passos do sr. capitão Firmino da Silva e deu publicidade aos auxílios recebidos para a obra empreendida. E da reùnião de tôdas as boas vontades surgiu, alfim, a casa dos pobres, cheia de ar e de luz, com a capacidade para albergar 80 indigentes de ambos os sexos, com todos os requisitos de higiene e confôrto, dividida em duas secções — masculina e feminina — contendo vastos dormitórios, salões de banho, retretes, lavabos, rouparia, salas de trabalho e de estar, cozinha, copa, dispensa, refeitório e ainda um vasto terreno para recreio e cultivo. Nas paredes alguns quadros e várias legendas. Nada falta ali.

A meio do edifício, no rés-do-chão, ficam a secretaria e os aposentos do pessoal de serviço, além da capela. A canalização de água — quente e fria — é dupla e o sistema de esgotos perfeitíssimo.

Fora, ficam a lavandaria, um enorme pôço com água suficiente para abastecer, em qualquer época, as necessidades do Albergue, e diferentes instalações para coelhos, porcos e aves domésticas e a respectiva nitreira. Completo. Ninguém faria mais nem melhor em tão pouco tempo.

Deve Aveiro ao sr. capitão Firmino da Silva, à sua tenacidade e acção perseverante, um benefício dos de maior valia. E a assistência social, que nêle encontrou um elemento raro nesta época de egoísmo ávaro, uma carinhosa manifestação de desvêlo pelos desprotegidos da sorte, que aqui, nas nossas colunas fica vincada como reconhecimento da cidade ao simpático e brioso oficial do nosso Exército.

No bairro piscatório

Realiza-se no dia 12 a festa da Senhora das Febres na capelinha erecta junto do Canal de S. Roque.

Costuma durar três dias e ser largamente concorrida.

Altruismo dum senhorio

Vemos relatado num diário do Porto o seguinte episódio passado em Guilhabreu:

A mulher dum operário pedreiro adoeceu há longo tempo e êle também esteve doente (moléstia pulmonar) mas depois melhorou. A mulher não resistiu aos sofrimentos e morreu.

O homem empenhou-se, fez dívidas, inclusivé a renda da casa, que não pagava há longos mêses.

Foi ter com o senhorio a fim de lhe preguntar quanto devia. Êste fez as contas aos mêses em atrazo e somava a importância de X.

—Senhor Oliveira (é êste o sobrenome do senhorio) peço-lhe para me esperar algum tempo que eu vou proceder à venda dos meus móveis para pagar a quem devo.

—Não quero que você venda nada para pagar dívidas.

—Mas eu tenho algumas avultadas e por isso tenho de vender...

—Já lhe disse: você não vende nada. Veja quanto precisa para a liquidação dêsses débitos e venha cá tal dia para levar o dinheiro.

—Mas eu não lhe mereço isso, sr. Oliveira.

—Você merece as minhas atenções como qualquer homem trabalhador e honesto, como você tem sido. Se um dia a sorte o favorecer você paga-me, de contrário não se fala mais nisso.

Grande coração, o dêste senhorio! A contrastar com o egoismo sórdido dos vampiros, que nunca se comovem com a infelicidade alheia.

Bilhete da Praia

Costa Nova, 2

Assim como os namorados se consideram felizes junto da mulher amada, também eu sinto uma aleluia de alegria quando aqui chego e do alto da *tomba* contemplo o mar, admiro a ria e encho os pulmões do ar iodado, saùdável, que nesta encantadora praia se aspira e tanto bem faz aos seus freqüentadores.

A Costa Nova! De longe vem já o tempo que dela me enamorei. E com tanto amor pelos seus dotes naturais, sobretudo, que nunca a esqueci, nunca deixou de me interessar pela vida fora, evocando-a sempre com a maior das emoções. Verdade seja que agora é outra, tendo mudado a sua aparência, a sua fisionomia, devido às obras realizadas para acompanhar a moda, o progresso. Mas nem por isso deixa de ser para mim a Costa Nova, onde tanto brinquei, sonhei e... amei. Por essa razão e muitas outras mais a prefiro a tôdas as praias — a tôdas! — e dela não deserto enquanto a luz que a ilumina conservar no meu espírito a beleza que a envolve e à qual ando prêso desde menino e moço...

JOÃO DO CAIS

Selvageria

Dizem-nos que se acham já mutilados os escudos da cidade que ornamentam a Ponte de Carcavelos, no Canal de S. Roque.

Não se poderá averiguar quem foram os autcres da selvageria?

Crónica alfacinha

A solidão

Há quem diga que a solidão é triste. Triste porquê? Porque a procuram os espíritos envoltos em dôce melancolia?

Bendita solidão, querida dos poetas, desejada dos santos, apetecida dos sábios, ambicionada pelos que sofrem!

Foi na gruta solitária de Macau que o príncipe dos poetas escreveu *Os Lusíadas*, glória de Portugal, e foi nos solitários desertos da Ásia que Francisco de Sales se santificou.

A solidão convida ao amôr, á fé.

Quem é que tendo a alma amargurada a não procura para melhor carpir o seu desgosto ou analisar mais conscientemente a sua situação?

O estudo será mais perfeito nela do que num lugar movimentado.

Subi em plena Primavera ao alto duma serra solitária e admirai a Natureza. Que de ensinamentos artísticos e científicos podeis colher!

Como recordareis as páginas mais belas do romance da vossa vida! Como achareis mais brilhante o sol, mais azul o céu, mais verdes as plantas, mais convidativas as casinhas distantes!

Contemplai um outonal ocaso num lugar solitário e dizei-me se não encontrareis encantos novos nessas tintas vermelho-ouro com que o Sábio Pintor colore a imensa tela!

Num sítio movimentado distrair-vos-eis, não o podereis admirar assim. Ide junto do mar, numa formosa manhã de verão, sem que vos importune o ruido dos banhistas e dizei-me se não vos apetece conversar sózinhos com rei-liquido que nessa hora se veste com o seu mais belo manto esverleado, debruado de rendas finas e brancas!

Bendita solidão! Como eu te adoro! Como tu me inspiras uma oração mais terna para Deus, um pensamento mais amoroso para o ente-amado, uma página das mais românticas para o livro que vou escrevendo, uma rima melhor para o sonêto em preparação!

Bendita solidão, que a Virgem Mãe procurou para chorar seu Filho, que Jesus encontrou para a sua última oração sôbre a terra, que os poetas adoram para sua maior glória literária, que os tristes buscam para alívio das suas dôres!

A solidão é triste? Mentira. E' nela que o espírito repousa e se sente feliz.

MARIA DA CONCEIÇÃO NOBRE

O SAL

Começaram a ser cobertos os montes que ficam nas eiras, visto estar a terminar a safra dêste ano.

Encontrando-se encerrada durante o corrente mês e princípios de Outubro a Redacção dêste jornal, rogamos às pessoas que nela tenham de tratar qualquer assunto, o favor de se dirigirem ao estabelecimento do sr. Jeremias Moreira, na Rua Direita, n.º 27, aonde serão atendidas.

Tôda a correspondência, enviada por mão própria, deverá, também, ser ali entregue.

Concurso do Vestido de Chita

Sempre vão àmanhã ao Pôrto tomar parte no certamen do Palácio de Cristal, promovido pelo *Jornal de Notícias*, três das nossas graciosas tricaninhas, que à última hora resolveram não ligar importância às *intrigas do bairro*, levando mais uma vez até à Invicta cidade o nome de Aveiro. São elas Maria Soledade do Amaral, Elsa de Oliveira Martinho e Ema Barreto da Maia.

Temos a certeza de que hão-de marcar condignamente a sua posição.

O TEMPO

Prolonga-se a estiagem, pelo que a falta de água nos marcos fontenários e nos poços se está manifestando dia a dia.

E é que ninguém lhe dá volta...

Teorias...

Há quem sustente que «o dever dum bom, até ao ser assassinado, é perdoar ao assassino, desejando-lhe bem, semelhantemente à árvore do sândalo que, quando a derrubam, perfuma o machado que a dilacera».

O pior não é isso; o pior--diz um colega — é que o menos que se chamaria, hoje, a êste bom, apontado, no livro do Industão, seria *grandecissimo trouxa*.

Só?

As andorinhas

Desapareceram quási completamente da cidade êstes passarinhos, que nos visitam na Primavera, aqui criam e depois emigram para as regiões quentes de além mar.

Oxalá as possamos ver quando, de novo, voltarem...

O «Borda d'Agua»

Já foi posto à venda êste reportório para o ano de 1944, que é bissexto.

Traz, como de costume, grande número de conhecimentos, indicando aos lavradores a oportunidade de semearem os nabos, os grelos, os pepinos, os tomates, etc., etc.

Também marca os dias de jejum...

Arre, ladrões!

Ficou célebre esta frase de Emídio Navarro contra os políticos da monarquia, delapidadores do erário público.

Arre, ladrões! — dizemos nós, também, aos que no actual momento só pensam em explorar o próximo, constituindo o *mercado negro*.

A falta de açúcar, que ùltimamente houve em Aveiro e noutros pontos do distrito, apurou-se agora ter tido origem no desvio de 200 sacas, ou sejam 15.000 quilos, que os armazenistas deixaram de receber por que um comerciante da capital o fornecia a vários indivíduos para ser vendido a altos preços. As brigadas especiais da P. S. P. isso averiguaram e para apuramento de responsabilidades acham-se já detidos uns tantos exploradores, que necessitam exemplar castigo das autoridades.

Em nome das vítimas aqui nos têm a clamar justiça recta, mas inexorável.

Desastre mortal

Ao proceder à pintura dum poste eléctrico, na Rua do Americano, caiu de alguns metros de altura o encarregado dêsse serviço, António de Pinho Vinagre, que, conduzido ao hospital, morreu no caminho.

Contava 22 anos.

O DEMOCRATA vende-se no Kiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO.

A moda

Narrativa dum cronista:

Um grupo de raparigas que vinham no comboio, sentadas, de perna traçada, mostrando a carne um pouco acima do joelho, obrigou-me a meditar dois minutos sôbre a modificação operada nas modas femininas.

Que transformações! Todo o mundo sabe que matemàticamente há uma flagrante desigualdade entre as duas metades do corpo feminino; mas a mulher teve sempre, nos tempos passados, a mágica ciência das compensações, encobrindo com garridice os seus membros inferiores. O vestido da mulher a tal respeito obedeceu sempre a uma ideia de génio. Nas civilizações mais recuadas esta manifestação do génio feminino foi sempre manifesta. Recordo-me de ter lido que sob a 18.ª dinastia egípcia, as dansarinas usavam vestes de sêda que lhe desciam até aos pés, marcando artificialmente a metade do corpo para fugirem ao perfeito equilíbrio da estética. As mulheres medas e persas e as gregas, seguiram-lhes o exemplo, decotando-se o mais possível, costume que passou depois para as germanas, e mais tarde para as francesas. Colos nús, pernas tapadas, tão vincado era nelas o sentimento do ridículo dumas pernas mal feitas. Nas estátuas jacentes, nos túmulos do século XIII, vê-se claramente, nos costumes das rainhas, das altas dama das Côrte, quer em Inglaterra quer em França, esta manifestação do bom gôsto e do pudor feminino. A mulher, então, não esquecia nunca o seu maior defeito estético e procurava desfazê-lo com inteligência e garridice, a tal ponto que no século XVI inventaram o histórico *pé de cabra*, que usavam sob os compridos mantos para se tornarem mais altas e mais elegantes. Hoje andam núas, de perna ao léo, e o que vale a muitas delas é que não passam por Guimarães...

Nós também, há dias, viajámos numa carruagem onde vinha uma *elegante*, que deu na vista a tôda a gente. De chapelinho no cutulo da cabeça, saia curtíssima, rôsto pintado, unhas côr de sangue, esta mostrava ainda outra particularidade — fumava.

Com franqueza: era das tais que precisava dum bom correctivo. Pelo nôjo que nos meteu.

Serviços de incêndios

Foi concedido à Companhia de Bombeiros Voluntários desta cidade um subsídio de 15 contos, destinado ao melhoramento do seu material, o que é para agradecer.

Estas corporações nunca deviam ser esquecidas, por serem das mais úteis.

Secção feminina

DIRIGIDA POR MARIA DA CONCEIÇÃO NOBRE

Bordados

Vi há tempos um filme em que Sebastião, célebre pintor americano, fazia um quadro com duas argolas e uma flôr estilizada e dizia que tudo aquilo representava um homem querendo suicidar-se debaixo dum comboio. Os que assistiam à explicação do grande mestre pintor, por mais voltas que dessem à cabeça não conseguiam descobrir a analogia entre uma coisa e outra e o pobre Sebastião foi dado como doido e internado num manicómio.

Vem isto a propósito dos desenhos e bordados modernos.

Ainda não há muitos anos, as raparigas aprendiam a bordar. Ensinava-se-lhes o bordado da ilha, os recortes, as ilhozes, o ponto cheio, as rendas de Veneza e de Milão, os matizes, ponto de cabelo, escomalha, bordado a escama de corvina e canotilho, bordados a oiro, etc., etc.

Vieram depois os bordados de Viana, de Castelo Branco, de Arraiolos. A máquina ensinou-lhes o *granité*, os pontos de fantasia, o tule, a renda inglesa, etc. Hoje, no réculo das pressas, em que o tempo é pouco e as raparigas preocupam-se mais com os desportos, chás e bailaricos do que com estas coisas, reduziram-se os bordados a uns alinhaves sem porporção, a uns pontos de pé de flôr, largos e mal feitos, e nada mais. E os desenhos? Numa revista feminina dos nossos dias vejo *lindo desenho para toalha de chá*. Compõe-se de um quadrado de pano que terá, num dos cantos, uma casinhola, um funil e um púcaro, e no outro, uns 6 riscos paralelos atravessados por 3 outros. A dita toalha deve ser em linho beije, bordada em pontos de fantasia azul, vermelho e alaranjado.

Nossas mãis ao olharem êstes disparatados desenhos devem preguntar: «Serão para as bonecas de nossas filhas?» De facto, quando eu tinha 8 anos a minha avó ensinava-me a bordar estas coisas para o enxoval da boneca.

Tudo tende a simplificar-se; mas, minhas senhoras, assim vai-se perdendo o gôsto do belo, do artístico, do trabalho feminino. O bordado pode ser simples, mas elegante. Leva mais uma semana, talvez, mas será, também, mais duradouro e mais bonito.

Em estilo moderno o bordado pode ser:

A cheio, em côres, ou numa côr diferente do pano. Vermelho sôbre beige, créme sôbre azul, etc. As hastes a ponto de flôr, miúdo e bem feito.

Em *rechelieu*, de uma côr não muito viva sôbre branco ou claro. Verde sôbre créme, lilás sôbre branco, etc. Em matizes de côres, também claras, mas que se distingam bem do fundo, ou mais fortes se o fundo fôr escuro.

Usam-se os bordados de Castelo Branco, que, sendo bem feitos, são admiráveis. Os bordados de Viana, já sem aquelas linhas complicadas doutros tempos, mas em desenhos simplificados sem deixarem de ser elegantes.

Usam-se ainda: os bordados de crivo, no mesmo tom do fundo ou noutro. As barras a *djours* crusados ou a ponto de fantasia. Os cantos, largos, numa mistura de pontos, ou em simples bordados a ponto de cruz.

Os bordados de aplicação com tecidos diferentes colados depois com um ponto de recorte ou pregados a cordão.

Enfim: é grande a variedade, mas não nos deixemos arrastar pela moda criada pelas meninas relâmpagos, com a mania de fazer em tudo nuns simples minutos, sem procurarem gostos nem equilíbrios. Saibamos escolher desenhos e aplicar-lhes as devidas côres. Trabalhemos com calma e arte.

Sem escrúpulos

Noticiaram os diários que se acha prêso e vai ser enviado ao Tribunal Militar Especial, o presidente do Grémio da Lavoura de Pinhel e notário naquela cidade, dr. Joaquim de Almeida, porque, sendo produtor de trigo, manifestou só parte dêste cereal e vendeu 56 alqueires ao preço de 35$00 cada.

Foi demitido de presidente do referido grémio.

Eis um exemplo que vem ao encontro das reclamações do país em presença das dificuldades da hora presente.

Punir êstes crimes constitue um dever, para honra do regimen e prestígio da autoridade e do Govêrno.

Romaria da S.ª das Dores

Está anunciada para os dias 11, 12 e 13 do corrente, na quinta de Verdemilho, devendo animá-la três *jazzs*, dos mais afamados e dar-lhe o costumado brilho os fogos de artifício dos acreditados pirotécnicos de Viana do Castelo, José de Castro & Irmão.

A romaria da Senhora das Dores é tradicional entre nós. Não tem já a animá-la o concurso dos ranchos de fora com as cantigas das Marias e dos Maneis, mas ainda assim reúne muita gente, marcando agora pela qualidade dos devotos, que são outros.

Oxalá o tempo não venha prejudicá-la.

Abundância de peixe

Esta semana, em Lisboa, deu-se o seguinte caso: foram oferecidos de graça, a quem quizesse, sete mil quilos de sardinha e carapau!

Determinou êsse gesto das emprêsas piscatórias a abundância, a fartura. A princípio foram vendidas caixas com 25 centos de sardinha a 40$00. Depois a 30, descendo até 10 ao mesmo tempo que o carapau se cotava a 5$00.

Pois mais tarde êsse peixe era tanto que o distribuiram aos necessitados, aos que não tinham dinheiro para o comprar.

Abençoado o dia de domingo para os pobres da capital.

Visitai o Parque da Cidade

Sejamos moderados

—o—

Sim. A moderação é uma grande virtude e por isso todos nós devemos contentar com o que possuimos e nunca termos desmedidas ambições.

Observe-se êste apólogo de Hardy:

—Porque estás tão triste? — preguntou um alcatruz ao outro, enquanto subiam e desciam num pôço.

—Ora! — replicou o companheiro. De que me serve ir para cima cheio, se, quando desço, venho vasio?

—Mas podias nada ter e a verdade é que para cima vais cheio! Aprende a contentar-te com o que tens.

Portanto, *quando se não tem o que se deseja, ama-se o que se tem* — dizem os franceses.

Ou antes, como quere um colega — *deve amar-se...*

Concordamos.

Notas Mundanas

Aniversários

Fizeram anos: no dia 30 de Agosto, o sr. José Pedro Soares de Melo Júnior, empregado na Secção de Finanças, e ontem, a sr.ª D. Maria Luiza Marques Mendes, esposa do sr. Carlos Mendes, proprietário do Jardim das Modas; a menina Maria Fernanda Génio de Lima, filha do sr. tenente José Barata Freire de Lima, comandante da secção da Guarda Fiscal de Mourão (Alentejo) e o sr. Arnaldo Alves dos Santos, de Coimbra; no dia 6 de Setembro, a sr.ª D. Maria Emília Pinto Madail, esposa do nosso presado amigo António Madail, e o sr. Luís Manuel Rodrigues, funcionário do Secretariado Nacional da Propaganda Nacional; em 7, o sr. Manuel Luís da Graça Baptista, funcionário dos Serviços Electrotécnicos dos C. T. T. de Lisboa; em 8, a sr.ª D. Arminda Berta Lopes, esposa do sr. dr. Carlos Rodrigues Lima, professor do Liceu de Macau, e o inocente Joaquim António, filho do sr. Henrique Pina e neto do nosso velho amigo dr. Joaquim Castro, desembargador da Relação de Lisboa, e em 10, o sr. Pompeu Alvarenga.

Praias e termas

Com suas famílias, partiram: para a Costa Nova, os srs. dr. Francisco de Assis Maia, professor do Liceu de José Estêvão; tenente Jaime Sabino, Raul Marques de Almeida, chefe da Agência da Caixa Geral de Depósitos de S. João da Madeira; João de Oliveira Frade, professor em Fafe e com sua gentil filha, a menina Emília Odette Florêncio, a sr.ª D. Júlia da Graça Florêncio, esposa do sr. Américo Mário Florêncio, de Elvas; para S. Jacinto, os srs. dr. Domingos Vicente Ferreira e Manuel da Cruz e Sousa; para a Figueira da Foz, os srs. dr. Manuel Vieira de Carvalho, que durante largos anos exerceu clínica em Setubal, dr. Fernando Moreira, digno conservador do Registo Civil; para o Furadouro, a sr.ª D. Ester de Rezende Godinho, professora em S. Martinho da Gândara (O. de Azemeis); para a Curia, o sr. dr. Francisco Soares, presidente do município; para as Termas de S. Pedro do Sul, o sr. Morais Calado, da Drogaria de Aveiro, L.da. e para a Barra, o sr. tenente Natividade e Silva.

—Regressaram: da praia do Farol, a sr.ª D. Maria Isabel Farto Ramos, professora em Esgueira e da Costa Nova, a esta cidade, a sr.ª D. Regina da Luz Faria e o sr. dr. Pompeu Cardoso, e a Lisboa, o sr. João Luís dos Santos Vaz, funcionário da Caixa Geral de Depósitos.

Partidas e Chegadas

A passar uma temporada, partiu para Viseu, acompanhado de sua dedicada esposa e gentil filha, o sr. António Rodrigues Morais, capitão de Cavalaria.

—Para Anadia, onde conta permanecer até o fim do mês, seguiu, com a família, o sr. Armando Cancela de Amorim, tesoureiro judicial em Ovar.

—Estiveram nesta cidade os srs. dr. José de Melo Cardoso, médico em Setubal e esposa, dr. Manuel dos Santos Vitor e esposa; António Augusto Martins, empregado na Vacuum Oil Company, de Coimbra; padre Manuel da Silva Marcelino Júnior, pároco em Abiúl (Pombal) e Luís Manuel Rodrigues, funcionário do Secretariado da Propaganda Nacional.

—Em gôzo de licença também aqui veio passar alguns dias o sr. Alberto Carlos de Mendonça e Silva, empregado na agência desta cidade do Banco de Portugal e furriel miliciano em Abrantes.

—Com destino a Lourenço Marques (Africa Oriental) onde se encontra seu marido, o 2.º sargento Francisco das Neves Vieira, embarcou no Colonial a sr.ª D. Bebiana de Rezende Vieira, a quem desejamos feliz viagem.

—Está cá a passar o corrente mês a nossa conterrânea sr.ª D. Felicida- H. de Oliveira e Silva, residente na capital.

—Encontra-se na Ota a fazer serviço o sargento-aviador, nosso conterrâneo, João da Cruz Novo, que há pouco chegou dos Açores.

Carta de Lisboa

Um aniversário

Completaram-se três anos sôbre a posse nos seus altos cargos dos srs. ministros das Finanças, Educação Nacional, Economia e Justiça, bem como dos Sub-Secretários de Estado das Finanças, da Educação Nacional, da Agricultura e do Comércio e Indústria.

Com razão, o *Diário da Manhã*, referindo-se à data de 28 de Agosto, pôde escrever:

Três anos. Foram três anos de bom trabalho, de trabalho sério e fecundo — a-pesar das dificuldades da hora, que em todos os sectores da vida nacional se manifestam.

Três anos ao longo dos quais se continuou e ainda se vincou a obra de renovação empreendida em todos os departamentos do Govêrno.

Efectivamente, nestes três anos grande e admirável foi a obra realizada nos vários departamentos do Estado.

Passado, presente e futuro

O S. P. N. publicou agora um interessante trabalho — *Cadernos da Revolução Nacional* — no qual, depois de se recordar sucintamente o que foi a obra negativa dos partidos políticos durante os 16 anos que detiveram o Poder, se faz a comparação com a acção realizada pelo Estado Novo, desde a chegada de Salazar ao govêrno da nação.

Trata-se de um trabalho do maior interêsse e oportunidade, em que mais uma vez se lembra o passado e principalmente se ergue a plena luz o presente com tôdas as suas grandezas e benemerência.

A acção da Intendência dos Abastecimentos

Tem sido patriótica, admirável e oportuna a acção, a todos os títulos benemérita, realizada pela Intendência Geral dos Abastecimentos, na perseguição aos especuladores e assambarcadores que, procurando aproveitar-se da situação que a guerra nos criou, só têm em vista e de maneira bem criminosa, servirem contra o interêsse nacional os seus ilegítimos interêsses privados.

CORDEIRO GOMES

Cartas a uma amiga de longe

Agosto, 1943

Minha querida:

Estamos no último dia do mês... E' quási tolice vir neste momento falar-te da praia, quando ela se despovoa dos banhistas de Agosto, que são, em geral, os que mais a animam e movimentam.

A's portas das casas amontoam-se as bagagens, junto das camionetes agrupam-se as pessoas que partem e as que vão dizer adeus... Não era, na verdade, altura para fazer a *história* da época, mas nas trouxas e nas malas não há poesia, nem alegria; há, na despedida — *eu não gosto, nem brincando, dizer adeus a ninguém...* — de modo que propositadamente aproveito essas duas desvantagens. Sim, porque ninguém, nem tu mesmo, me perdoavas uma carta sem interesse sôbre a praia, a delícia do verão. O prosaísmo das malas e a tristeza da partida, desculparão a minha *desinteressante* caneta...

Passo-te em claro as intrigas, porque aqui, rapazes e raparigas cresceram juntos, de modo que a camaradagem amiga não casa com as murmurações. *Flirts*, *encrencas* ligeiras, amores esboçados, outros enterrados na areia, são, em resumo, a vida da praia, que deixa em nós uma saüdade, que por não ser amarga, nem deprime, nem magôa. Tal como o sol que vivifica, essa recordação alenta e dá-nos esperança dum futuro melhor.

Talvez pudesse, depois dum exame mais profundo aos acontecimentos do mês, contar-te ligeiríssimas peripécias, mas prefiro não ser indiscreta... De resto tu avalias o que por cá se faz, o mesmo que nas outras praias como esta, pequena, despretenciosa, tendo por divertimentos apenas os que cada um proporciona. Mas o tempo passa se admiràvelmente aqui... O sol, imenso círculo rubro que à noitinha vai mergulhar no mar, alenta-nos a alma, roubando de lá pensamentos negros, que os meses de inverno por vezes acumulam. E o fim de cada dia de praia é o fim de alguma coisa que nos encantou e a certeza da vida, que àmanhã voltará.

Lá foram as malas e os banhistas de Agosto. Fecharam se portas, que logo se abrem a novas caras, a outros moradores.

Um abraço da

Zèmi

Agradecimento

Luís da Costa Júnior e família, reconhecidos às pessoas que se incorporaram no funeral de sua saüdosa mulher, Maria d'Apresentação Costa, vem por êste meio manifestar-lhes a sua gratidão e ao mesmo tempo pedir desculpa de qualquer falta que involuntàriamente tenham cometido.

Aveiro, 25 de Agosto de 1943.

A' MARGEM DA GUERRA

BOMBAS INTACTAS E AVIÕES ABANDONADOS SÃO RECOLHIDOS PELOS BRITANICOS

Produzir e poupar é imperioso dever.

Lancemos mão dos recursos mais simples, mais rápidos e que mais seguramente defendem a nação da fome.

A criação caseira de galinhas não só defende a economia doméstica, mas fornece também um importante contributo alimentar — carne e ovos frescos.

É simples e económica, e embora escasseiem os tradicionais alimentos da galinha, tais como o milho e a cevada, êstes podem ser fàcilmente substituidos.

Aos nossos assinantes

Pedimos o favor de não deixarem devolver os recibos apresentados pelo correio, tendo em atenção o aumento de despeza que isso nos acarreta e bem assim o trabalho administrativo do jornal, que não é pequeno.
Agradecemos.

Considerandos oportunos

por Jorge Vernex

«...uma luta violenta está desenhada ou mais concretamente travada já entre as fôrças da ordem e as da desordem, entre a nação e o internacionalismo, entre o comunismo e a civilização».

SALAZAR—15-4-1937

As razões húngaras

Nós, portugueses, somos inimigos do bolchevismo por motivos ideológicos, por motivos religiosos e por motivos políticos. Salazar apontou-nos o inimigo, a religião condenou-o e a inteligência viu-o, compreendeu-lhe tôda a sanha barbárica; mas não sentimos, Deus louvado, crepitar na nossa Pátria o fogo assassino e incendiário da peste vermelha. A nossa posição é, portanto, uma posição de solidariedade para com os povos mártires, como o provámos em Espanha.

Um dos primeiros assaltos bolchevistas contra a liberdade das nações deu-se na Hungria sob a direcção do terrorista Bela-Kun. Evocando êsse facto, Béla von Lukacs, ministro real da Hungria e Presidente do Partido da Vida Hungara, escreve:

«Nós, os húngaros, tivemos ocasião de conhecer, em 1919, as fôrças tenebrosas e destruidoras do bolchevismo. Há 25 anos esmagámos o perigo vermelho com as fôrças do nacionalismo húngaro; *demos, assim, um exemplo à Europa*. Entrámos na via do nacionalismo, *apontando, desta maneira, a outros povos, a rota a seguir para o despertar da consciência nacional*».

Exceptuando o caso do malogrado Sidónio Pais, a Hungria é o precursor dos Estados nacionalistas e prova que o nacionalismo forte veio como necessidade imperiosa em presença da enxurrada internacional-comunista. E o ministro prossegue: «O nosso Regente foi o primeiro a realizar, contra o bolchevismo, uma luta enérgica» e «a Hungria luta agora para a defesa das suas convicções, ao lado dos seus aliados axiais, contra o internacionalismo vermelho. O pioneiro da actual política externa magiar, o falecido primeiro ministro Julius von Goemboes, conseguiu amigos e aliados» tão conformes com o pensar e o interêsse nacional que, desde êle, «a Hungria segue a linha tradicional da amizade com teutões e italianos». Assim, anti-comunista, «é absolutamente natural que os húngaros estejam ao lado do eixo Berlim-Roma, na luta contra o bolchevismo, que constitue o maior perigo para a Europa, e que lancem no combate todos os seus recursos militares e económicos». E' que «*o nosso continente brilha há milénios no mundo, pelas suas fôrças morais e espirituais e pelo fulgor da sua cultura. Nós*, os húngaros, entrámos há mais de 1000 anos na comunidade de interêsses europeia, pela qual no decorrer da história, fizemos freqüentemente enormes sacrifícios. A Hungria foi sempre um bastião contra as fôrças de destruição que se precipitaram contra a Europa, e milhões de húngaros derramaram o seu sangue em defesa da civilização cristã».

Esta missão histórica da Hungria encontrou o seu primeiro elemento diplomático em 1252, quando o rei Béla IV enviou uma carta ao Papa Inocêncio IV garantindo-lhe que «o povo húngaro saberia resistir ao assalto das massas tártaras», visto sentir-se «penetrado da obrigação de defender a Europa cristã». Fieis ao mesmo enunciado, os húngaros esforçam-se hoje «na luta contra a vaga bolchevista, que pretende espraiar-se sôbre o mundo, vinda de Leste». E' que «a Hungria tem o maior e mais directo interêsse no êxito desta grande luta contra o bolchevismo. *Não queremos outra vez a peste vermelha no país*».

Antiqüíssima, nacionalista e católica, a Hungria tem profundos laços espirituais que a ligam a Portugal. Saibamos ver isso numa hora tão confusa como esta onde as semelhanças a afinidades tantas vezes se sacrificam às paixões tolas.

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,27 (correio)	0,24 (correio)
6,20 (tram.)	11,15 (»)
6,54 (tram.)	15,41 (tram.)
11,10 (tram.)	19,34 (rápido) [1]
13,23 (rápido) [1]	21,52 (recov.)
17,24 (tram.)	Do Porto chegam tram. às 7,53 e 21,07 que não seguem.
20,40 (»)	

(1) Ás terças, quintas e sábados.

Linha do Vale do Vouga

PARTIDAS	CHEGADAS
8,04	10,48
13,50	17,6 (1)
17,51 (1)	19,11
19,42 (2)	23

(1) A's terças, quintas e sábados.
(2) Só até à Sernada.

Câmara Municipal de Aveiro

Arrematação

Doutor Artur Marques da Cunha, Vice-Presidente, em exercício, da Câmara Municipal do Concelho de Aveiro:

Faço saber que no dia 23 do corrente mês de Setembro, pelas catorze horas, na Sala das Sessões desta Câmara, se procederá à venda, em hasta pública e por arrematação, do lote de terreno n.º 65 da faixa norte da Avenida Doutor Lourenço Peixinho, desta cidade, o qual vai à praça com a base de licitação de Esc. 150$00 por metro quadrado.

As condições de venda encontram-se patentes a quem as quizer consultar na Secretaria da Câmara, em todos os dias úteis, das 11 às 17 horas.

E para constar se passou o presente e outros que vão ser afixados nos lugares do costume.

Aveiro e Paços do Concelho, 2 de Setembro de 1943.

O Vice-Presidente da Câmara, em exercício,

Artur Marques da Cunha

Arrematação de solípede

No dia 18 do corrente, pelas 10,30 horas se procederá na Secção da Guarda Fiscal de Aveiro à arrematação, em hasta pública, de um cavalo castrado, de 11 anos de idade, julgado incapaz para o serviço desta Guarda.

Aveiro, 2 de Setembro de 1943.

O Comandante da Secção,

Aníbal Alves Moteira

Tenente

«O Democrata»

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano) . . 30$00
Semestre . . . . 15$00
Colónias (Ano) . . 30$00
Estrangeiro (Ano) 40$00
Número avulso . . $60

ANÚNCIOS

Mais duma publicação, contrato especial.

Quem tem uvas, tem açúcar

Nós não temos culpa da calamidade que devasta o mundo a ferro e fogo, a lágrimas e dor, a fome e miséria.

Mas nem por isso estamos isentos de sofrer-lhe as repercussões. De ordem política—tem-nas o Govêrno evitado, Deus sabe com quanta prudência, mercê de quantas vigílias, esforços, canseiras! De ordem económica—bem tem quem nos governa trabalhado para atenuá-las, se bem que para consegui-lo se torne urgente a cooperação de todos.

Nunca produzimos açúcar no continente. Tivemos sempre que ir comprá-lo a estranhos ou trazê-lo do nosso ultramar. A guerra, com todos os seus prejuízos, fraca e bem deminuta quantidade nos permite acarretar.

Há que valer-nos de recursos outrora menos tidos em conta.

Desenvolveu-se primeiro a campanha do mel. E agora, quando o sol doura as vinhas das nossas encostas, voltamo-nos para as uvas.

Quem tem uvas, tem açúcar — é já mais que o estribilho duma campanha—é um rifão de *Produzir e Poupar*.

Mosto concentrado, mosto preparado—é açúcar delicioso para bolos—os apetitosos doces das nossas províncias e para os usos caseiros.

Tem uvas? Pode ter açúcar se quizer.

Açúcar da sua vinha, colhido e feito em sua casa!

Basta, apenas, seguir as directrizes do Ministério da Economia. Uns quilos de uvas, trabalhadas como ensinam os serviços técnicos daquêle ministério, garantem o abastecimento de açúcar para umas semanas.

Preparar açúcar é uma conveniência pessoal, é um serviço que se presta à nação.

Quem tem uvas—tem açúcar!

NECROLOGIA

Em Marco de Canavezes, terra da sua naturalidade, finou-se esta semana, com 65 anos, o sr. João Carlos de Azeredo Lobo e Vasconcelos (Conde de Leiria) que entre nós residiu algum tempo, conquistando simpatias.

Deixou viuva a sr.ª D. Mariana Vaz de Menezes Sampaio e Melo Azeredo; duas filhas, as sr.ªs D. Maria Amélia de Azeredo Vasconcelos da Silveira e Menezes Vaz Pinto, esposa do sr. eng. Gaspar de Queiroz Ribeiro Vaz Pinto, chefe da 2.ª Secção de Construção da Junta Autónoma de Estradas dêste distrito, e D. Maria do Carmo de Azeredo Vasconcelos da Silveira e Menezes, solteira, e um filho o sr. João Carlos de Azeredo Lobo de Vasconcelos.

A tôda a família, as nossas condolências.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Visitai o Parque da Cidade

Correspondências

Esgueira, 2

Partiram para as Termas de S. Pedro do Sul os nossos amigos srs. dr. Julio Catarino Nunes, residente em Lisboa, e António Joaquim de Pinho. Muito estimamos que venham melhores dos seus achaques.

—Encontra-se entre nós a esposa e filhinhos do sr. Luciano de Oliveira, industrial de panificação na capital.

—Não há maneira de se proceder ao consêrto da *Fonte da Biquinha* o que bastante transtôrno causa aos habitantes desta localidade.

—Adoeceu o sr. Mariano Ludgero Maria da Silva, antigo empregado das Obras Públicas.

C.